

Simón Bolívar entre a história, a memória e a ficção
Simón Bolívar entre la historia, la memoria y la ficción

Michelle Márcia Cobra Torre
Mestre em Estudos Literários – UFMG
michelletorre@yahoo.com.br

Resumo

O texto propõe discutir as relações entre história, memória e literatura na obra *El general en su laberinto*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Este trabalho irá se pautar nas considerações do filósofo francês Paul Ricoeur e do historiador francês Jacques Le Goff sobre a memória, o esquecimento e o poder. No romance, memória e história são os eixos da narrativa, que conta os últimos dias de vida do General Simón Bolívar, personagem histórico que lutou pela integração da América Hispânica. A narrativa de García Márquez apresenta um Bolívar degradado, rompendo com a imagem do herói presente no imaginário construído pelos grupos que reivindicaram o legado de Simón Bolívar.

Palavras-chave: O General em seu Labirinto; História; Memória.

Resumen

El texto se propone a discutir las relaciones entre historia, memoria y literatura en la obra *El general en su laberinto*, del escritor colombiano Gabriel García Márquez. Este trabajo seguirá las consideraciones del filósofo francés Paul Ricoeur y del historiador francés Jacques Le Goff acerca de la memoria, del olvido y del poder. En la novela, memoria e historia son los ejes de la narrativa, que narra los últimos días de vida del General Simón Bolívar, personaje histórico que luchó por la integración de América Hispánica. La narrativa de García Márquez presenta un Bolívar degradado, contrariando la imagen del héroe presente en el imaginario construido por los grupos que reclamaron el legado de Simón Bolívar.

Palabras clave: El General en su Laberinto; Historia; Memoria.

Na obra *El general en su laberinto*, memória e história são os eixos da narrativa, que conta os últimos dias de vida do General Simón Bolívar (1783-1830), personagem histórico que lutou pela independência da América Latina frente aos espanhóis e que idealizou a integração da América Hispânica. O romance narra os últimos dias de Simón Bolívar, em uma viagem após deixar o poder, como uma biografia do personagem em que se entrelaçam suas memórias e a política latino-americana. A viagem de Bolívar pelo Rio Magdalena, em direção ao desterro, que nunca ocorreu, foi a menos documentada de sua vida, pois escreveu poucas cartas nesse trajeto e seus acompanhantes não deixaram escritos sobre a experiência, como nos relata o próprio García Márquez na seção de agradecimentos ao final do romance.

Na biografia de Simón Bolívar, escrita pelo historiador e jornalista colombiano Indalecio Liévano Aguirre, o general aparece como um exemplo extraordinário de vida e “el ejemplo heroico de su existencia dejó en el pasado de nuestros pueblos esa huella que sólo imprimen las grandes figuras de la historia universal” (AGUIRRE, 2013, p.696). Em relação à unificação do continente, Aguirre explica que a integração era para Bolívar uma parte essencial da solução dos problemas americanos, e pondera que a história deu razão a Bolívar, pois a divisão do continente não ofereceu uma solução para os problemas sociais e políticos da América Hispânica. A biografia escrita por Aguirre trata dos problemas políticos e de saúde enfrentados pelo general, assim como da viagem rumo ao desterro. Nessa última viagem, Aguirre descreve um Bolívar desiludido com a política interna do continente, repartido entre os caudilhos, que desejavam manter seus privilégios. Desse modo, na última parte da obra, o tom de desilusão e de fracasso permeiam a escrita, assim como o general aparece como um homem debilitado pela doença.

Deve-se ressaltar que a maior parte da biografia é dedicada às glórias de Simón Bolívar, sendo esse descrito como heroico e respeitado, denominado de El Libertador. São descritas as entradas triunfais nas cidades por onde passa e a admiração de todos por Bolívar. Apenas no último capítulo da obra é que aparece a questão da desilusão política e a descrição da doença do general. Outra questão a se ressaltar sobre a biografia é que seu antagonista não é Santander, e sim, San Martín. Em várias passagens, Aguirre contrapõe Bolívar a San Martín, colocando o primeiro como defensor dos direitos sociais da população e o último como defensor da ordem tradicional. Desse modo, a biografia de Aguirre constrói a memória de Simón Bolívar como o grande libertador da América Hispânica, sobrepondo-se a outros que também lutaram no continente pela independência.

Em *Simón Bolívar*: obra política y constitucional, o catedrático de direito público Eduardo Roza Acuña analisa os projetos políticos nacionais do general. Acuña comenta que, após a independência, no Congresso de Angostura, em 1819, foi aprovado, por unanimidade, a República da Colômbia, composta

por Venezuela e Nova Granada. O projeto de constituição de Simón Bolívar para a Gran Colombia afirmava a forma republicana de Estado, a soberania nacional, a separação dos poderes e pregava a centralização do poder, uma vez que o federalismo poderia levar à desintegração nacional. Nesse momento, havia de um lado a defesa do centralismo, pelos bolivarianos, e do federalismo, pelos santanderistas.

Pela Constituição de Cúcuta (1821), prevaleceu o centralismo, o que levou a graves enfrentamentos, e o desejo de separação da Venezuela. Poucos anos após ser promulgada a constituição, os conflitos entre federalistas e centralistas se acirraram e, em 1825, Bolívar sofreu um atentado contra sua vida. Após conquistar o Alto Peru, surge a Nova República da Bolívia, para a qual Simón Bolívar adota uma constituição personalista e fortemente centralista, segundo Eduardo Rozo Acuña. Tal constituição¹ refletiu de forma negativa na Gran Colombia gerando uma forte oposição a Bolívar pelos santanderistas, levando a mais um atentado contra sua vida e desencadeando, na concepção de Acuña, uma crise do governo, o que resultou no abandono do poder e no exílio voluntário de Bolívar.

A questão da Constituição da Bolívia é importante para entender como se acirrou o embate entre centralistas e federalistas, sendo que os últimos passaram a ser denominados de “constitucionalistas”², tendo Santander como líder, e os primeiros passaram a defender um fortalecimento do centralismo e do autoritarismo, propondo que Bolívar assumisse o poder absoluto. Em 1828, a constituição foi derogada e entrou em vigência o regime autocrático bolivariano, abolindo-se a Vice-Presidência, ocupada antes por Santander. Daí no romance de García Márquez, os opositores de Simón Bolívar atearam fogo em um boneco que o representava, picharem frases pejorativas contra seu governo nos muros da cidade, e o personagem ter lançada em sua direção “una bosta de vaca que le arrojaron desde algún establo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.33), seguida da frase gritada “Longanizo!” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.33), pois havia rumores de que o general se tornaria vitalício no poder. Em janeiro de 1830, Simón Bolívar instala a Assembleia Constituinte com o intuito de restaurar a ordem constitucional. Nessa assembleia, promulga-se uma nova constituição para a Colômbia e Bolívar se retira do governo. E é a partir da questão da renúncia, que García Márquez irá escrever o seu romance.

A historiadora Fabiana de Souza Fredrigo, em sua obra que trata das cartas de Simón Bolívar, estuda como o general construiu uma imagem de si para a posteridade, por meio de sua escrita, criando a

¹ Segundo Eduardo Rozo Acuña, na Constituição da Bolívia, escrita por Simón Bolívar, o Presidente era vitalício e o cargo de Vice-Presidente era hereditário, sendo escolhido pelo Presidente. O corpo legislativo não era eleito pela população, mas pelo voto indireto, ou seja, um para cada cem cidadãos iria se tornar o eleitor, sendo que o seu direito ao voto estava correlacionado a suas condições intelectuais.

² Defendiam o pleno respeito à Constituição de Cúcuta.

ideia de sua indispensabilidade. O arquivo de Simón Bolívar foi organizado por Vicente Lecuna³, compondo 2.815 cartas, que vieram do acervo pessoal do general, da secretaria do governo e de doações de descendentes de generais ou de embaixadas de outros países. Segundo a historiadora, estima-se que Bolívar tenha escrito um número maior de cartas, mas essas foram perdidas, como o arquivo que estava sob a custódia de Manuela Saénz, incendiado junto com seus pertences em 1856, devido à sua morte por difteria.

Quando Bolívar faleceu, Daniel Florêncio O’Leary e Juan Francisco Martín, companheiros do general, levaram seus dez baús de documentação para o seu desterro na Jamaica. Tais baús sempre acompanhavam Bolívar em suas campanhas militares, sendo de responsabilidade de seu secretário⁴. Daniel Florêncio O’Leary⁵, assim como outros militares que acompanharam Bolívar, escreveram suas memórias sobre o general com a documentação que tiveram acesso. O’Leary é o autor dos 34 volumes sobre Simón Bolívar estudados a fundo por Gabriel García Márquez para a produção do romance *El general en su laberinto*, como o escritor comenta ao final da obra nos agradecimentos.

Segundo Fabiana Fredrigo, o projeto de Simón Bolívar, de construir uma memória de si por meio das cartas, foi vitorioso, pois elementos encontrados nas cartas alimentaram o culto à sua figura. Ela defende que Bolívar desejava oferecer à posteridade um personagem, que seria “um homem público irretocável, desprovido de vida privada” (FREDRIGO, 2010, p.44). Assim, Bolívar escolhia seus interlocutores cuidadosamente e tecia uma imagem de si na qual acrescentava legitimidade, projetando-a para a posteridade. Conforme Fredrigo, o general “tinha projetos urgentes em um presente concreto, mas sempre apontava para o futuro, tomado como o guardião de sua imagem” (FREDRIGO, 2010, p.47-48).

No romance de García Márquez, no que se refere à memória do general e à construção da memória sobre ele, logo no início da obra há a preocupação de se escrever as suas próprias memórias, projeto que logo é abandonado. Em um dado momento da narrativa, um padre, da localidade por onde passavam, pergunta ao general se ele não pensava escrever as suas memórias e Bolívar responde que nunca, pois “esas son vainas de los muertos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.206). Mas, quando se deu conta de que estava morrendo, no último quarto de sua vida, conversa com seu sobrinho Fernando e lhe pede que escreva suas memórias “como un simple ejercicio del corazón, de modo que sus hijos tuvieran

³ De acordo com a historiadora Fabiana Fredrigo, Vicente Lecuna (1870-1954) era descendente de um comissário do Exército Libertador, sendo que em 1914, o Ministro da Instrução Pública da Venezuela confiou a ele a organização do arquivo de Simón Bolívar.

⁴ No romance de García Márquez, os dois baús contendo papéis de Simón Bolívar, após a morte do general, são escondidos por Manuela Sáenz em Santa Fé de Bogotá e resgatados por Daniel O’Leary, muitos anos depois, por meio de instruções de Manuela.

⁵ General Daniel Florencio O’Leary, ajudante de Simón Bolívar.

una idea de aquellos años de glorias y desdichas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.269). Por ironia, Fernando escreve umas poucas páginas sem nexos durante sua juventude e, ao envelhecer, perde a memória.

Embora o Bolívar do romance não escreva as suas memórias, ao longo da viagem, cada cidade por onde passa suscita em sua memória recordações das guerras de independência e de personagens daqueles locais. O general já estivera naquelas cidades antes, lutando pela independência, agora retornava a elas em direção ao desterro. Se na primeira vez que passara por ali era um homem vitorioso, sempre homenageado com pompa, na última viagem já quase não o reconhecem, sendo recebido por poucos anfitriões, seus partidários, que o acolhem por compaixão. Muitas das recordações são evocadas por imagens, por músicas ou pelo reencontro com outros personagens. O general compartilha suas recordações com José Palacios, que o acompanhou por toda a vida.

O Bolívar do romance comenta que “no hay nada más peligroso que la memoria escrita” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.162). Assim, escreve a Urdaneta pedindo-lhe que destrua sua correspondência para que “no quedaran rastros de sus horas más sombrías” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.230), mas Urdaneta não atende ao pedido. Na obra de Fabiana Fredrigo, há a reprodução de um trecho de uma carta de Bolívar destinada a Urdaneta, na qual ele pede que suas cartas sejam rasgadas após serem lidas.

Bolívar também havia feito o mesmo pedido a Santander, anos antes, “no mande usted a publicar mis cartas, ni vivo ni muerto, porque están escritas con mucha libertad y en mucho desorden” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p. 230), mas Santander também não destruiu as cartas. No romance, o general escreve milhares de cartas e de documentos ao longo de sua vida, o que gera a lenda de que ditava várias cartas diferentes ao mesmo tempo a seus secretários. Segundo a historiadora Fabiana Fredrigo, estima-se que Bolívar tenha escrito mais de dez mil cartas, sendo que grande parte foi perdida, conforme citado anteriormente.

O estudo da historiadora Fabiana Fredrigo mostra como Bolívar construiu um discurso sobre si, edificando uma memória de si para o futuro. Ou seja, havia um projeto de memória em marcha. Já no romance de García Márquez, a memória de Simón Bolívar é trazida à cena por suas recordações em diálogos com José Palacios, e o general não concretiza o seu projeto de escrever suas “memórias”, ou que alguém próximo de seu convívio escreva suas “memórias”. Se nos basearmos no estudo de Fabiana Fredrigo, observamos que as memórias de Bolívar já estavam sendo escritas por meio de suas cartas.

E será com base nas cartas e documentos produzidos por Simón Bolívar que a historiografia novecentista irá erigir a imagem do Libertador. Conforme Fabiana Fredrigo, Simón Bolívar tinha

consciência de sua importância histórica, desse modo, colocou em prática várias estratégias para cultivar essa importância. O general utilizava-se de argumentos e justificativas em sua escrita sobre si, para efetivar o seu projeto de memória. Como a historiadora afirma, para que as memórias sejam imortalizadas, essas devem ser compartilhadas com um grupo. Os eleitos de Bolívar para o compartilhamento de sua correspondência foram os militares e os políticos estreantes das repúblicas sul-americanas do início do século XIX. É esse grupo de eleitos que, após a sua morte, iniciam o culto em torno da figura do Libertador.

O presidente da Venezuela, António Páez, em 1842, traslada os restos mortais de Bolívar para Caracas, atendendo a um pedido deixado em seu testamento. A cerimônia foi realizada com uma grande festa pública, iniciando-se o culto a Simón Bolívar e identificando-o com o ideal de liberdade, explica Fabiana Fredrigo. O culto ao Libertador antecipou-se à escrita das histórias nacionais, as quais o consagrariam. Especialmente na Venezuela, a historiografia não realizou uma crítica ao epistolário de Bolívar, utilizado como fonte histórica. Desse modo, a palavra escrita por Simón Bolívar, o seu testemunho dos fatos, foi considerada como incontestável pela historiografia bolivariana.

Na Venezuela, sob a presidência de António Páez, a história nacional alçou Simón Bolívar ao panteão dos grandes heróis da pátria, consagrando-o como o Libertador da América. De acordo com o historiador Carrera-Damas, citado na obra de Fabiana Fredrigo, os presidentes que se seguiram também incentivaram o culto ao herói. Foram realizadas comemorações e foi criado um panteão em sua homenagem em 1875, além de inúmeras obras de história nacionais dedicadas ao engrandecimento do general. Nos discursos dos presidentes venezuelanos, a figura de Simón Bolívar era utilizada para promover a ordem e garantir a união da sociedade, sendo exaltado como o responsável pela consolidação das instituições do país. Em 1888, foi criada na Venezuela a Academia Nacional de la Historia, que se tornou a guardiã da memória do general. Em 1938, o presidente da Venezuela, Eleazar López Contreras, com o intuito de conservar a memória do general, transforma a Sociedad Bolivariana, criada em 1842, em uma instituição pública nacional.

Retomando as considerações do filósofo francês Paul Ricoeur, nas relações entre memória, história e esquecimento, deve-se ressaltar a prática dos usos e abusos da memória, pois a memória nacional que se celebra publicamente é respaldada por uma história oficial, que será transmitida e aprendida. Desse modo, conforme o historiador Jacques Le Goff elucidou, a forma como a memória é usada, como um instrumento de poder, pode levar a um esquecimento ou a uma celebração de personagens e acontecimentos, conforme o uso dos grupos. Na Venezuela, os grupos políticos que reclamaram para si o legado de Bolívar, abusaram de sua memória, com celebrações, panteões e livros de

história que exaltavam a sua figura, relacionando-a com a coesão nacional. A questão da integração da América Latina - contra o imperialismo norte-americano - continua a ser reclamada por grupos políticos, que evocam o herói Simón Bolívar como o seu grande idealizador.

Segundo o historiador Carrera-Damas, a historiografia novecentista articulou a vida de Bolívar ao destino da América. Assim, depois de uma vida de conquistas e glórias, Bolívar conheceria a doença e a detração política de grupos que antes o apoiaram, e a América, tal como Bolívar, conheceria a glória da emancipação e as ruínas dos desmembramentos posteriores. Conforme Fredrigo, baseando-se em Carrera-Damas, haveria um vínculo entre os destinos de Bolívar e da América. Essa perspectiva influenciou a historiografia posterior, além das inúmeras biografias do general.

Essa relação pode ser percebida no romance de Gabriel García Márquez. Nas imbricadas relações entre história e memória, percebemos que há uma primeira relação que deve ser observada entre o corpo depauperado do general, que encarna o sonho da unidade latino-americana, e a desagregação do continente em diversas nações. García Márquez retorna ao herói da libertação, mas mostrando o seu inverso, ou seja, a sua decrepitude e a viagem de desterro, ao invés de suas batalhas gloriosas e de seus dias como presidente, que aparecem no romance por meio das recordações do personagem. A descrição de Bolívar, logo no início da obra, é essencial para a imagem que se forma sobre o general e a pátria, no momento em que a utopia da unidade é como um sonho, que boia nas águas depurativas da banheira do general, tal como ele, despido de seus ideais, vendo os caudilhos lutarem entre si pelo poder:

Hasta su desnudez era distinta, pues tenía el cuerpo pálido y la cabeza y las manos como achicharradas por el abuso de la intemperie. Había cumplido cuarenta y seis años el pasado mes de Julio, pero ya sus ásperos rizos caribes se habían vuelto de ceniza y tenía los huesos desordenados por la decrepitud prematura, y todo él se veía tan desmerecido que no parecía capaz de perdurar hasta el julio siguiente (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.10).

Assim como a decrepitude do general é prematura, a fragmentação da grande pátria também o é, pois logo que a independência em relação à Espanha é alcançada, iniciam-se as guerras internas, entre caudilhos, pelo poder. Como o narrador descreve o banho do general, na madrugada anterior à sua partida, limpou-se “con una sevicia más frenética que la habitual, tratando de purificar el cuerpo y el ánima de veinte años de guerra inútiles y desengaños de poder” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.11-12). Nesse trecho, pode-se depreender a amargura do general, que não teve seu projeto de unificação respeitado, conviveu com intrigas de opositores e com a ingratidão da população, que de libertador, passou a enxergá-lo como um tirano. Simón Bolívar considera suas guerras inúteis, porque a conservação

dos privilégios dos caudilhos era mais importante que um projeto de unificação que fortalecesse o continente frente a países imperialistas como os Estados Unidos.

O general deixa Santa Fé sentindo a ingratidão pública. Mas os insultos da população são destinados também ao exército de libertação, que deixara Santa Fé, em meio à “gritería de las turbas que les azuzaban perros y les tiraban ristras de buscapiés para discordarles el paso, como no lo hicieron nunca con una tropa enemiga” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.17). Como o narrador comenta, ironicamente, quando o vice-rei deixou a cidade, há onze anos, fugindo com seus baús de ouro, não faltaram choros e despedidas carinhosas da população.

No momento que Bolívar abdica do poder, turbas embriagadas fuzilavam um boneco do general na praça principal e o acusavam de querer a presidência vitalícia, além disso, nas paredes da cidade podiam-se ler as injúrias contra o general. Assim, além da deterioração do corpo, a sensação de desencanto pela pátria e pelos ideais, que sonhou para a América Latina, acompanham Bolívar, que sente que “la gloria se le había salido del cuerpo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.22). Assim, no romance de García Márquez, tem-se o passado de glórias do general, que é lembrado por Bolívar, e o presente, no qual o general está em seus últimos dias, vivenciando um envelhecimento precoce, que além de febres e delírios, ainda passa por momentos de vômitos. A imagem de um herói, que vencera a tantas guerras sem ferimentos graves, contrapõe-se à imagem do corpo enfermo e depauperado de seus últimos dias, tanto que quando retorna para Santa Fé de Bogotá pela última vez, o homem que atravessa a cidade não é mais o mesmo e “en vez de Palomo Blanco, su caballo histórico, venía montado en una mula pelona con gualdrapas de estera, con los cabellos encanecidos y la frente surcada de nubes errantes, y tenía la casaca sucia y con una manga descosida” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.22).

Simón Bolívar encaminhou várias renúncias oficiais ao Congresso Nacional. O general desejava renunciar ao cargo executivo, mas nunca à sua autoridade. Em uma carta destinada a Fernando Peñalver⁶, em maio de 1821, Bolívar declara que não deseja o cargo de presidente, mas que irá servir à Colômbia nas guerras necessárias. Nessa mesma carta, o general comenta sobre a sua saúde, declarando estar doente e vivendo uma velhice prematura. Em outra carta, esta destinada a um de seus generais, Mariano Montilla, em novembro de 1829, Bolívar assim comenta: “estou cansado e enfasiado das calúnias. Penso em retirar-me do mundo político, mas não do militar. Com isto, se ganha e não se perde” (BOLÍVAR, apud FREDRIGO, 2010, p.213).

⁶ Político venezuelano. Lutou no movimento revolucionário para a independência da Venezuela.

Observamos que no romance de García Márquez, a narrativa é construída a partir da renúncia do general, e podemos dizer que o discurso da renúncia perpassa por toda a obra. O sentimento de ressentimento do personagem também aparece em vários momentos do livro. Simón Bolívar é um homem decrépito e desiludido, vaiado pela população que o ovacionara anos antes. A questão da ingratidão da população é marcante para o personagem. Daí, podemos depreender que García Márquez apresenta outra face de Bolívar, que não é a seguida pela historiografia tradicional, que como visto anteriormente, cultivou outra imagem do general. A obra *El general en su laberinto* desmistifica o Simón Bolívar, personagem presente no imaginário latino-americano como o herói inatingível, trazendo para o leitor um personagem decrépito e desiludido com os rumos da América. Como visto anteriormente, esse discurso impregnado de ressentimento está presente nas cartas do general e foi seguindo tal discurso que García Márquez optou ao construir o seu romance.

Uma imagem interessante presente na obra e que se relaciona com essa discussão é a imagem das ruínas, recorrente no romance por meio das cidades por onde o general e seu séquito passam. Tais cidades estão em ruínas, devido às guerras. A sensação é de certo modo de que tudo o que se edifica é uma promessa de ruína, assim como o que acaba de se levantar, o que pode ser relacionado ao projeto de Bolívar e às independências, desembocando na referência às guerras terem sido inúteis. Pois as cidades eram bem diferentes antes da guerra e após a guerra não eram mais as mesmas. Podemos pensar na ideia da ruína também como esse espaço interiorizado do personagem, que vive seus últimos dias de forma desoladora, decrépito e miserável, muito diferente dos dias de glória do passado. Desse modo, são várias as imagens engendradas no romance que se dirigem à questão da decadência, como observamos pela imagem do general, seu corpo, sua indumentária, seu cavalo, bem como as ruínas das cidades ao longo do rio Magdalena.

Em relação ainda às cidades em ruínas, se junta outro elemento que são as viúvas dos que lutaram nas guerras de independência e que vivem nessas cidades à beira do rio “como cuervos pensativos bajo el sol abrasante, esperando aunque fuera un saludo de caridad” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.104). Ao vê-las, o general, pensativo, comenta que “ahora las viudas somos nosotros, dijo. Somos los huérfanos, los lisiados, los parias de la independencia” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.104). A comparação que Bolívar realiza de si e de seu séquito com as viúvas, os aleijados e os párias alude à imagem do desamparo, da invalidez e da marginalização, imagens que ele mesmo e seu exército encarnavam, distanciando-se da imagem de glória do passado, sempre vivificado na memória do general.

Bolívar e seu exército são despidos da condição de mito e de monumento, e a narrativa foca o momento em que os projetos bolivarianos são derrotados e o general é tido como *persona non grata* pela

população. O personagem de Simón Bolívar que é construído no romance, bem como o desnudamento de seu mito e a imagem de um homem decrépito e em ruínas, propicia que o leitor reflita sobre outro personagem Simón Bolívar, pois como diz o general a José Palacios, diante de sua situação, “Nunca hubiéramos creído, mi querido José, que tanta gloria cupiera dentro de un zapato” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.37).

O romance propõe que se reflita sobre a questão dos usos da memória. A produção de discursos relaciona-se com a questão do uso que se faz da memória, ou seja, qual memória será oficializada e qual será silenciada. As memórias são atravessadas por discursos distintos e são eles que ajudam a forjá-las.

Um discurso que aparece na obra, relacionado à história, é a questão do projeto de integração da América Latina e o seu caráter utópico, pois como diz Bolívar, no romance, “Para nosotros la patria es América, y toda está igual: sin remedio” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.172). Após as batalhas pela independência e a instauração da república, o general idealiza a integridade continental como forma de fortalecimento da América Latina. Como o romance ironiza, mal o general conseguia unir os territórios do norte, quando partia em direção ao sul, para a unificação, o norte já se fragmentara. Quando deixa o poder, a república da Colômbia, embrião do que deveria ser a grande pátria, estava reduzida ao antigo vice-reino de Nova Granada. O discurso sobre a integração, no romance, aparece como um sonho irrecuperável, amargurado pela ingratidão da pátria, pois como diz o narrador, sobre Bolívar:

Había arrebatado al dominio español un imperio cinco veces más vasto que las Europas, había dirigido veinte años de guerras para mantenerlo libre y unido, y lo había gobernado con pulso firme hasta la semana anterior, pero a la hora de irse no se llevaba ni siquiera el consuelo de que se lo creyeran (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.43).

O livro descreve as vitórias do general contra os espanhóis com nostalgia, por meio das recordações de Bolívar, José Palacios e outros personagens, e em meio às lembranças, surgem as considerações de Bolívar sobre a integração, naqueles tempos, quando as nações começavam a se desmembrar e ele sentia que “su sueño casi maniático de la integración continental empezaba a desbaratarse en pedazos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.103) e se despedaçaria por completo com a sua retirada do poder. Bolívar repetia em sua última viagem que “nuestros enemigos tendrán todas las ventajas mientras no unifiquemos el gobierno de América” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.104).

Observamos que o discurso sobre a integração da América Latina é mais descrito como um sonho do que como um projeto realizável, no romance, sendo classificado como “casi maniático”, embora sejam expostas as razões de Bolívar para a integração, que não passavam pela questão de acúmulo de poder em

suas mãos, mas pela questão da defesa frente aos países imperialistas. Em um documento escrito por Bolívar em 1815, durante sua estadia na Jamaica, que ficaria conhecido como “Carta da Jamaica”, Simón Bolívar escreve que:

Es una idea grandiosa pretender formar de todo el Mundo Nuevo una sola nación con un solo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el todo. Ya que tiene un origen, una lengua, unas costumbres y una religión, debería, por consiguiente, tener un solo gobierno que confederase los diferentes estados que hayan de formarse; mas no es posible, porque climas remotos, situaciones diversas, intereses opuestos, caracteres desemejantes, dividen a la América. ¡Qué bello sería que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos! Ojalá que algún día tengamos la fortuna de instalar allí un augusto congreso de los representantes de las repúblicas, reinos e imperios a tratar y discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra, con las naciones de las otras partes del mundo (BOLÍVAR, 1993, p.30).

A integração da América não se concretizou, devido às lutas internas pelo poder. No romance, desiludido o general comenta, em seus últimos dias, “en cambio yo me he perdido en un sueño buscando algo que no existe” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.227). A frase do personagem resume a obra *El general en su laberinto*, a história do general que projetou uma América única, mas que não passou de um sonho, ficando perdido dentro de seu próprio sonho, ou o seu labirinto.

Observamos que há uma crítica da obra aos conflitos que se seguiram à independência e à ruína do projeto de Bolívar, sendo o momento escolhido pela ficção considerado como a origem desses conflitos, que vão desde as disputas entre facções políticas a guerrilhas, em diversas repúblicas latino-americanas. A obra de Simón Bolívar também seria pervertida na memória dos séculos, como o personagem menciona, pois sofreu diferentes usos de acordo com os interesses dos grupos que reivindicaram o seu legado.

No romance, Bolívar profetiza, mais uma vez, sobre o destino da América Latina, que considera “ingobernable, el que sirve una revolución ara en el mar, este país caerá sin remedio en manos de la multitud desenfrenada para después pasar a tiranuelos casi imperceptibles de todos los colores y razas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.262). Esse trecho que aparece no romance foi retirado da carta escrita por Bolívar ao General Juan José Flores, Chefe do Equador, em novembro de 1830, após o assassinato do Marechal Sucre, seu herdeiro político. A carta foi escrita após a renúncia de Bolívar e expressa seu ressentimento e desilusão frente à situação política do continente. Nesse documento, em relação às disputas internas, Bolívar comenta “amanhã se matam uns aos outros, dividem-se e se deixam cair em mãos dos mais fortes ou mais ferozes” (BOLÍVAR, 2007, p.312). Mais adiante, nessa mesma carta, Bolívar enumera suas conclusões após seus anos de luta, dizendo que:

Primeiro: a América é ingovernável para nós; segundo: quem serve uma revolução, lavra no mar; terceiro: a única coisa que pode ser feita na América é emigrar; quarto: este país cairá infalivelmente nas mãos da multidão desenfreada, para depois passar a tiranetes quase imperceptíveis, de todas as cores e raças; quinto: devorados por todos os crimes e extintos pela ferocidade, os europeus não se dignarão a nos conquistar; sexto: se fosse possível que uma parte do mundo voltasse ao caos primitivo, este seria o último período da América (BOLÍVAR, 2007, p.313).

Ao final da carta, Bolívar pede ao General Flores que a rasgue assim que a tiver lido, para que assim ela não caia nas mãos de inimigos, que poderiam publicá-la com comentários tenebrosos. O romance de García Márquez, ao optar por construir um Bolívar desiludido com o poder e com o projeto de uma América única, propõe ao leitor uma reflexão sobre os caminhos políticos do continente.

Nas relações entre memória e história, podemos observar que *El general en su laberinto*, além das questões abordadas como o mito de Bolívar e o discurso sobre o projeto da integração, outros aspectos históricos são trabalhados na narrativa, como as guerras de independência e o governo de Bolívar, sendo abordados por meio da memória do general. O discurso sobre as guerras de independência aludem a momentos de glória, mas em ponderação com o presente de Bolívar, elas são consideradas inúteis.

Embora o romance opte em trazer um Bolívar desiludido e arruinado, a memória sobre as guerras pela independência não é abalada. A obra segue representando aquele passado como um momento de glória, em contraponto com o momento da última viagem do general, na qual ele realiza várias ponderações sobre as guerras. Mesmo que em seu presente Bolívar considere as guerras como inúteis, pois não alcançara a unificação e as lutas internas progrediam, a libertação em relação à Espanha é vista como uma conquista gloriosa.

Além disso, o romance reforça a imagem de que Bolívar era o homem predestinado a fazer a independência da América, pois em uma recordação de um encontro com Humboldt, esse último dissera que as colônias espanholas estavam maduras para a independência, só o que faltava era o homem que iria levar a cabo o empreendimento. E durante as guerras, “el general se lo contó a José Palacios muchos años después, en el Cuzco, viéndose quizás a sí mismo por encima del mundo, cuando la historia acababa de demostrar que el hombre era él” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.103). E também, como é descrito no romance:

De la generación de criollos ilustrados que sembraron la semilla de la independencia desde México hasta el Río de La Plata, él era el más convencido, el más tenaz, el más clarividente, y el que mejor conciliaba el ingenio de la política con la intuición de la guerra (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.84).

Observamos que o romance, ao abordar os últimos dias de Bolívar, quando já não possui o apoio político de antes, propõe apresentar outra face do general. Também, verificamos que o discurso sobre a história e a memória, que perpassa o romance, é de que a história pode ter outras versões, diferentes da versão oficial, ensinada e celebrada. O personagem do general desejava escrever as suas memórias para que a sua versão sobre si ficasse na história, o que demonstra no romance como há possibilidades de se manejar a memória e também como pode ser visto pelo estudo da historiadora Fabiana Fredrigo, que defende que Bolívar construiu uma imagem de si, uma memória de si para a posteridade, por meio de suas cartas.

Voltamos à questão dos usos da memória, sendo a memória escrita perigosa, como coloca o personagem, pois ela poderá ser usada para o bem ou para mal, conforme os interesses dos grupos que a manejarem. *El general en su laberinto* promove a desmistificação do mito de Bolívar, desnudando a memória oficial, mas também corrobora parte de sua obra. Enquanto as lutas de independência não são abaladas pelo discurso do romance, o projeto posterior a elas é abordado como um sonho. Embora a obra mostre um Bolívar depauperado em seus últimos dias, derrotado pela doença, empobrecido e sem a gratidão da pátria pela qual lutou, o romance se encerra com a seguinte frase sobre a morte de Bolívar, “los últimos fulgores de la vida que nunca más, por los siglos de los siglos, volvería a repetirse” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.272), da qual podemos ler que não haverá mais um herói como ele. García Márquez, ao escolher Simón Bolívar, como protagonista de seu romance, mostra que mesmo que já existam muitos trabalhos sobre o general, há sempre a possibilidade de esquadriñar outras faces desse personagem tão admirado na América Latina.

Referências Bibliográficas

ACUÑA, Eduardo Roza. Simón Bolívar: obra política y constitucional. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.

AGUIRRE, Indalecio Liévano. Bolívar. Bogotá: Grijalbo, 2013.

BOLÍVAR, Simón. Carta de Jamaica. In: ZEA, Leopoldo (compilador). Fuentes de la cultura latinoamericana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BOLÍVAR, Simón. Simón Bolívar: o libertador. Tradução de Ruth Elisabeth Pucheta. Rio de Janeiro: Biblioteca Ayacucho, 2007.

CARRERA-DAMAS, G. Cuestiones de historiografía venezolano. Caracas: Universidad Central de Caracas, 1964.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. El general en su laberinto. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PRADO, Maria Ligia. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.